

Mazelas da Fundação Cultural

SEGUNDO MARIA LUIZA DORNAS, APESAR DA FALTA DE RECURSOS E FUNCIONÁRIOS, A FCDF VEM TRABALHANDO "A TODO O VAPOR"

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O que será da Fundação Cultural, braço executivo da Secretaria de Cultura e Esporte, nos próximos dez meses? O novo secretário, César Baiocchi, e sua auxiliar direta, Maria Luíza Dornas, terão condições de dinamizar área desaquecida há dois anos? Haverá recursos, em tempo de eleições (primeiro turno, a três de outubro, e segundo, a 15 de novembro) para azelitar máquina que enfrenta problemas de todas as naturezas?

A dificuldade de maior vulto é a falta de recursos financeiros. Mas há outros. O Cine Brasília, por exemplo, cancelou a sessão das 15h00, por falta de operador. A Sala Funarte transformou-se em mictório de mendigos, pois não há recursos para recuperá-la. O Gran Circo Lar não vem sendo palco de espetáculos, nem espaço de atendimento a menores de rua. O Teatro da Praça, em Taguatinga, já motivou dezenas de discursos sobre sua iminente reforma. Até hoje, nada. Nos meses de férias, o Teatro Nacional, o coração cultural da cidade, pára, vítima da mil vezes anunciada Síndrome do Verão.

O MAB — Museu de Arte de Brasília — continua exigindo grandes reformas e só se anima com os discursos (não transformados em prática) de seu diretor, o artista multimídia Rogério Duarte. Até o Pólo de Cinema e Vídeo e o Espaço Cultural da 508 Sul, meninas-dos-olhos do governo Roriz, caminham trôpegos, sem recursos e sem funcionários.

Para analisar o futuro da Fundação Cultural em tempo de vacas magras e disputa eleitoral, o *Caderno 2* conversou com Maria Luíza Dornas, sua diretora-executiva.

— **Produtores culturais da cidade asseguram que a Fundação está semi-paralisada por falta de recursos e grave carência de funcionários.**

— Que injustiça. Não sou de doar a pílula. Abre o jogo. Faltam-nos recursos financeiros e funcionários, mas estamos trabalhando a todo va-

por. Ao longo de 93, informatizamos a Fundação e desenvolvemos ampla pauta de trabalho. Nossa desburocratização é hoje uma realidade. Um pagamento de cachê, antes da informatização, demorava meses. Hoje, sai em três ou quatro dias. Nossos projetos — Sarau, Made in Brasília, Festival de Cinema etc — alcançaram grandes plateias e tiveram êxito reconhecido.

— **Por que a Fundação Cultural não consegue ocupar os seus teatros no verão? É falta de dinheiro ou de planejamento?**

— É uma série de fatores. Falta dinheiro; os empresários culturais não nos procuram por temer prejuízos com salas vazias e os funcionários precisam tirar férias.

— **Por que a FCDF não apóia mais as Artes Cênicas?**

— Como não apoiamos? Nos dois próximos meses, o Sinpac (Sindicato dos Produtores de Artes Cênicas) promoverá, conosco, a Campanha de Popularização do Teatro. Todas as peças brasilienses que nos procuraram tiveram uma de nossas salas para se apresentar.

— **A crítica refere-se a apoio de produção, garantido por Edital, como na gestão de Márcio Cotrim.**

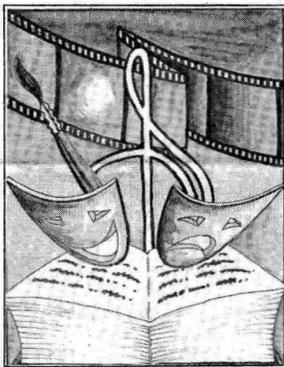
— Nossos críticos estão desinformados. Com a criação do Faac (Fundo de Apoio à Arte e Cultura), não podemos mais lançar editais para atender a esta ou aquela área. Todos os produtores

devem inscrever-se no Faac e aguardar a seleção. Ao Fundo, dedicamos, ano passado, 33% da arrecadação oriunda da taxa de bilheteria de nossos próprios. O Governo, por sua vez, ainda deu substantiva contribuição.

— **A opção pelo Faac e o desprezo pela Lei de Incentivos Fiscais à Cultura está "barateando" a produção da cidade. O Faac só atende a projetos míúras.**

— No primeiro ano de funcionamento do Faac, tudo era novidade para nós. Agora já temos condição de avaliar melhor e corrigir distorções. Queremos, inclusive, peneirar os projetos inscritos para evitar pulverização dos recursos em projetos miúdos.

— **Por que só o Cinema e a Músi-**



A diretora-executiva da FCDF, Maria Luíza Dornas, mostra estragos no Teatro Nacional

ca recebem apoio da SCE/FCDF atualmente?

— O apoio que damos aos músicos através do Sarau e do Made in Brasília é real. Um show custa bem menos que uma peça ou um espetáculo de dança. Estes exigem figurinos, cenografia etc. Já os músicos exigem apenas equipamentos de som, pois os instrumentos eles trazem de casa. Quanto ao cinema, nossa ação se faz presente porque programamos o Cine Brasília, a melhor sala da cidade; realizamos anualmente o Festival de Cinema e apoiamos a produção através do Pólo de Cinema e Vídeo.

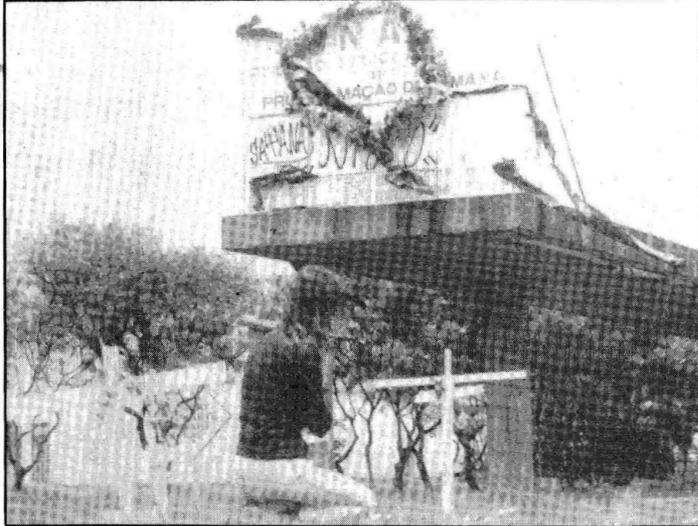
— **A programação do Cine Brasília está muito aquém do que se pode esperar de uma sala de primeira linha, mantida por organismo cultural.**

— Concordo que nos dois últimos meses a programação deixou muito a

desejar. Mas estou mantendo entendimentos com o cineasta Roberto Farias, com o Ademar Oliveira, da Filmes do Estação, e com as Cinematecas do MAM e Brasileira. Me dê 15 dias e vocês verão o que vem por aí.

— **Não é possível buscar recursos junto à iniciativa privada para dinamizar a área de Artes Cênicas, como se faz com o Festival de Cinema?**

— Infelizmente, não. O empresário nacional aposta no Festival porque ele é uma tradição testada e vitoriosa. Tem 26 edições realizadas. A cada ano, lota o Cine Brasília e abre espaço na mídia brasileira. O retorno é garantido. Já busquei apoio para outras áreas. Não é fácil. Os empresários ainda não acreditam no teatro local. A mesma dificuldade acontece na organização do Prêmio Brasília de Artes Plásticas.



Protesto contra o fechamento da Sala Funarte em 91, pelo grupo Ex-Culturas

gural, o Pólo está paralisado por brutal falta de recursos".

Rádio Cultura — "Cristiano Menezes é um excelente profissional. Vem fazendo o que pode para dinamizar a emissora".

Escola Parque — "Os espaços conveniados (além da Escola Parque, o Teatro da Praça e o de Sobradinho) vivem envoltos na mais completa indefinição. Fundação Educacional (proprietário dos espaços) e Fundação Cultural não conseguem estabelecer entendimento capaz de colocar estes teatros funcionando a contento".

Casa do Teatro Amador — "Há 18 meses, a Confenata e a FBT enviaram projeto à SCE/FCDF, propondo a utilização da CTA para oficinas e espetáculos experimentais. Até hoje não recebeu resposta. Resolvemos, então, apoiar projeto de oficinas e espetáculos apresentado por Guilherme Reis. Por falta de dinheiro, nada foi adiante".

Sala Funarte — "O espaço, uma das referências de Brasília, está sendo devorado pelo tempo. Transformou-se num grande mictório ao ar livre. Quando Fernando Lemos foi mostrá-lo ao então ministro Antônio

— **O Cine Brasília cancelou a sessão das 15h00 por falta de operador. Os quadros funcionais da FCDF não estão por demais desorganizados?**

— O problema não é desorganização. É carência. Nossa estrutura se multiplicou. Hoje administramos teatros, museus e uma série de outros espaços, e nosso quadro funcional está estacionado. Funcionários se aposentam ou morrem, e não temos como preencher as vagas. Faltam motoristas, eletricitistas, pintores, bombeiros, técnicos em iluminação, operadores de som, arquivistas, digitadores etc etc. A Secretaria de Administração está nos ajudando na medida do possível. Hoje somos 500 funcionários, contando com os 60 integrantes da Sinfônica do Teatro Nacional.

— **Uma sinfônica, aliás, sem maestro e que está perdendo o prestígio que conquistou em anos próximos.**

— A questão do maestro será resolvida no segundo semestre. No próximo dia 15 será reaberta a temporada nacional com o maestro Alfonso Pollard, dos EUA. Já temos maestros convidados até julho. Todos os problemas da Sinfônica se resolverão em breve. O governador aprovou plano de carreira do corpo sinfônico e vamos abrir concurso para preencher as vagas existentes. Como os salários são, hoje, os maiores do País, creio que haverá candidatos para todas as vagas.

— **Haverá dinheiro para a FCDF num ano eleitoral? Afinal, o governo Roriz não deu nenhuma atenção à área.**

— Que injustiça! No primeiro ano de trabalho, o governador nos deu todo o apoio e recursos necessários. Depois, com o agravante da crise econômica e com os cortes de verba para o DF, a situação se tornou muito difícil para todas as áreas. Saúde, segurança, educação, sofreram grandes cortes. Isto aconteceu no país inteiro. Não é só aqui.

— **Além do Festival, você anunciou grande edição do Encontro Nacional de Escritores para abril. O projeto está de pé?**

— Está. Ele só foi adiado para maio, por acertos no calendário turístico-cultural do DF. Ainda esta semana vamos discutir o perfil do evento com o editor Victor Alegria, autor de projeto que pode se somar ao nosso.

Houaiss, eles tinham que caminhar com cuidado, para desviarem dos dejetos orgânicos lá deixados por mendigos".

Gran Circo Lar — "Vive situação de calamidade pública. É vítima de um círculo vicioso. Deseja-se que ele atenda às obras de assistência aos meninos de rua e aos produtores culturais. Como os coordenadores do atendimento aos meninos de rua não têm domínio sobre eles, a convivência tornou-se impossível. Todas as vezes em que se colocou equipamento de som no circo, ele foi dilapidado pelos garotos".

Diretorias Culturais — "As Diretorias Culturais das Administrações Regionais foram criadas para trabalhar em parceria com a FCDF. Só que não passam de cabide de emprego para pessoas desqualificadas, na maioria dos casos".

Panteão da Pátria — "Não posso julgar a ação da SCE na área de museus e do Arquivo Público. Falta-me conhecimento da ação Museu Vivo da Memória Candanga, Panteão da Pátria e Arquivo Público do DF".

Orquestra Sinfônica — "Trata-se de um corpo sinfônico respeitado. Só que, atualmente, nem maestro tem". (MRC)

■ **Esta é a primeira de uma série de matérias com que o Caderno 2 pretende traçar um panorama da política cultural em Brasília.**

O desempenho dos organismos

A Secretaria de Cultura e Esporte tem dois braços para executar sua ação política: a Fundação Cultural e o Defer. A Fundação foi criada em 1961 e teve no poeta Ferreira Gullar seu primeiro diretor-executivo. Naquele tempo, Gullar prometia um grande festival de arte na primavera, mostrava escolas de samba cariocas e previa a criação de um centro de produção e difusão do artesanato.

Hoje, passados 33 anos, a FCDF é um órgão complexo, que cuida da gerência de 17 próprios (entre eles, o magnífico Teatro Nacional). Para avaliar o desempenho de cada um dos organismos que atuam sob o comando de Fernando Lemos (e, a partir do dia primeiro, César Baiocchi) e de Maria Luíza Dornas, o *Caderno 2* ouviu o ator e agitador cultural Nivaldo Ramos. 36 anos, ex-representante cultural de Taguatinga, ex-integrante do Conselho Deliberativo da FCDF e, atualmente, membro da diretoria da Confenata (Confederação Nacional de Teatro Amador) e diretor do Centro de Referência Cultural da Faculdade Brasileira de Teatro (Escola Dulcina).

Teatro Nacional — "Encontra-se nas mãos de gente que não tem qua-

lificação para geri-lo. O omissor secretário de Cultura • Fernando Lemos • o entregou a seu adjunto, Gedeon Campelo. Só que Gedeon nunca viu um teatro na vida. Não sabe o que é gerir um espaço cultural da complexidade do TNB. Quem entende do assunto, na FCDF (José Xavier) está emprestado à Fundação Educacional, onde participa da recuperação de auditórios".

Espaço Cultural da 508 Sul — "Está nas mãos de uma pessoa competente, o Tetê Catalão. Só que está sem projeto e sem recurso. Se Tetê conseguisse fazer com o Teatro, o Vídeo, as Artes Plásticas etc, o que faz com o Quadrinho, a cultura brasileira estaria salva. Lá, só a Gibiteca funciona".

MAB (Museu de Arte de Brasília) — "Está nas mãos de Rogério Duarte, um nome muito respeitado. Quando ele chegou, apresentou idéias geniais. Não executou nenhuma. É um homem de pensamento, não de ação".

Pólo de Cinema e Vídeo do DF — "Sua secretária-executiva, Maria Helena Matta Machado, é boa administradora, tem poder de articulação. Só que, passado o fogo da fase inau-